

HISTÓRIA E MÚSICA: NOVAS PERSPECTIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Francisca Kelly Gomes CRISTOVAM

Tatiana Aparecida Lopes GAIÃO

Silêde Leila Oliveira CAVALCANTI*

Universidade Federal de Campina Grande

O presente artigo enfatiza como o professor de História pode utilizar a música como recurso didático em sala de aula. Neste sentido, ele vai ter que fazer uma rigorosa seleção do material didático a ser utilizado, observando a letra da música e seu contexto, fazendo dialogar com os conteúdos programáticos com os quais está trabalhando. Assim, levando o aluno a ter uma visão crítica a partir da leitura da letra da música relacionando ao conteúdo estudado.

Desta forma, o que tem se observado é que a utilização deste recurso didático tem contribuído para o aprendizado, ao mesmo tempo faz com que a aula seja atrativa, e não monótona, todavia de forma agradável e que se apreenda de forma mais efetiva os temas em discussão possibilitando novos olhares e (re)leituras, não se restringindo ao livro didático. Diante do exposto a música é apresentada como uma importante fonte de pesquisa para o historiador, tratando de fatos e períodos diversos que podem ser estudados por alunos e professores, bem como por todos estudiosos interessados em conhecer melhor a história.

Não obstante, a música é uma excelente fonte para realizar pesquisa no que se refere ao cotidiano, e a própria História nos mais variados aspectos. Para o historiador é interessante analisar as letras das músicas, como um dos recursos que propicia diversas interpretações como formação de identidades, delimitando lugares e espaços que serve como fonte de pesquisa para vários objetos de estudo. Devemos observar como a música pode ajudar na elaboração das tramas históricas, pois as músicas a partir de suas letras representam a história. Portanto, o profissional de educação em história deve procurar vínculos e contextos do período e época. Pois, o mesmo tem que atentar nas ressignificações que uma determinada música pode permitir em vários períodos da historiografia.

Diante do exposto percebemos que música, sons e ruídos estão presentes no cotidiano circulando entre os ouvintes, dando sentido a vida mesmo que imperceptíveis ao nosso

* Orientadora: Silede Leila Oliveira Cavalcanti (Professora da Universidade Federal De Campina Grande-UFCG)

sentido crítico, tanto que muitas vezes cantamos versos de músicas que não fazem parte do nosso gosto musical. Pois, as melodias permanecem constantes em nosso cotidiano, devido a influencias externas que vão além das nossas preferências/percepções musicais.

Considerando que a história não é linear, e sim cíclica na qual cada leitura é (re)elaborada recebendo novas (re)significações e possibilidades de interagir com momentos históricos diferentes. Portanto, temos na música uma excelente ferramenta na qual o professor/historiador pode debruçar-se sobre a mesma para encontrar detalhes da vida cotidiana nos mais variados aspectos, favorecendo o seu objeto de estudo para uma aula mais produtiva, pois muitos destes detalhes o livro didático de História não traz. No mais, a música pode ter uma conotação de denúncia, transpassando entre as tragédias, conflitos e tensões ocorridos na História. No caso, deste artigo pretendemos dar enfoque e discutir as relações amorosas, as mobilidades e instabilidades presentes nas letras, onde algumas delas são de cunho apelativo deixando parte da sociedade chocada com o conteúdo das mesmas.

Outro aspecto que deve ser analisado para que a música possa ser compreendida e problematizada em sua plenitude é a articulação que o historiador pode fazer com o "texto" e o "contexto". O "texto" em si apenas o primeiro passo, a "letra", ou seja, a obra musical e o seu "contexto" são os sentidos que são embutidos na música e suas formas de inserir no meio que ela circula (NAPOLITANO, 2002:80).

Analisando a música na contemporaneidade percebemos certa "banalização" no conteúdo das músicas. Não obstante, se a música está incluída no contexto social não podemos esquecer que é uma forma de interpretação/representação do nosso cotidiano. A música como texto produz significativos e sentidos, apropriados e reapropriados por quem a consome, Logo, somos consumidores também de cultura, de estilos de vida, de modelos e identidades amorosas e sexuais a partir do texto musical, pois vivemos numa sociedade de consumo. Sendo assim, apropriamo-nos da música para representar as subjetividades Humanas que sinalizam a transitoriedade num espaço de tempo e de lugar, a exemplo das relações amorosas, que em diversos momentos embalados pelas músicas, principalmente os jovens, expressam esses sentimentos. Talvez, a instabilidade e a efemeridade dos sentidos e eventos na contemporaneidade, seja um dos motivos que alimentam a crise na cultura musical, de modo que a produção fonográfica receba um perfil que esteja a serviço da fluidez das sensibilidades, um verdadeiro apelo a hipersexualidade. Sendo assim, boa parte das músicas de maior visibilidade são elaboradas e pensadas a partir de cunho apelativo para atrair o público, especialmente os jovens. Proporcionando a estes, músicas que representam identidades que são construídas a partir das letras, dando sentido aos seus relacionamentos

afetivos. Os modelos e identidades afetivo-amorosas são construídas historicamente, o amor romântico é, como diria Freire, uma invenção da sociedade Ocidental moderna. Na contemporaneidade os indivíduos inventam outras formas de amar, de se relacionar e a música pode ser um dos meios de expressar essas sensibilidades com possibilidades de ser operacionalizada pedagogicamente no ensino de história. Desta forma, buscamos apontar algumas possibilidades e usos nessa perspectiva no presente texto.

A música é capaz de aflorar os desejos e as inquietações despertando as sensibilidades individuais ou coletivas dos jovens, fazendo que estes se percebam enquanto sujeitos ativos de uma sociedade contemporânea. Diante disto as letras das canções podem nos evidenciar sensações, sensibilidades e subjetividades, presentes nas entrelinhas da sua composição, pois são regidas pelas emoções. E é nesta contextualização que evidenciaremos as relações amorosas na transitoriedade contemporânea. Nesse sentido, analisaremos as letras das músicas que se seguem abaixo.

“Um beijo em você eu quero dar
Saudade presa no meu coração
Eu ando louco alucinado
Muito doido apaixonado por você

É pena que esse amor
Não possa mais ficar
É pena que esse amor
Não vá poder se eternizar

Então diga que valeu
O nosso amor valeu demais
Foi lindo, ficou pra trás

Então diga que valeu
O nosso amor valeu demais
Que pena, ficou pra trás

Faz tanto tempo que eu te conheço
Mas você mudou comigo

Faz tanto tempo que eu te conheço
Mas você mudou comigo
Minha flor bonita, minha linda flor”¹

A letra da música “Diga que valeu” da Banda Chiclete Com Banana se estrutura em um jogo do imaginário dos relacionamentos, despertando sensibilidades amorosas e afetivas enquanto ouvimos seus versos. Diante disto imaginamos que a música irá apresentar o “Amor” romântico e Cortez, pois nos primeiros versos são evidenciados sentimentos que remetem ou se identificam com a “Idealização do amor romântico” ao ponto do ser que ama afirmar que tem “loucura” pelo ser amado e que sente “saudades”, só que é nesse momento que o jogo se inverte, pois o autor passa a retratar as relações amorosas a partir da transitoriedade e mobilidades das relações presentes na contemporaneidade, quando o autor diz que “amor não vai poder se eternizar” é posto em cena a fluidez das relações, a facilidade do desprendimento em relação ao outro no caso da pessoa amada e do ser amado ou vice-versa. Apesar de o autor enfatizar que o relacionamento com a outra pessoa foi “bom” enunciado nos seguintes versos. *O nosso amor valeu demais/ Foi lindo, ficou pra trás*. Só que apesar de elogiar o “amor” e afirmar que foi bom, talvez partisse a ir procurar em outro relacionamento a felicidade que se torna na contemporaneidade uma busca incessante, pois idealiza um amor que na verdade não existe na plenitude, mas apenas uma felicidade momentânea, na qual passa por variados relacionamentos reafirmando essa fluidez nas relações afetivas.

Diante do exposto o professor passa a dialogar com a música como recurso didático, promovendo debates no sentido de possibilitar ao aluno trabalhar com temas de uma história presente, além de estimular a refletir sobre seus valores e sentimentos ou sua própria história, evidenciando que a música é capaz de dialogar com a História, mostrando as sensibilidades e as subjetividades da sociedade nas relações amorosas de uma determinada época.

Nesse sentido, o professor em sala de aula faz com que o aluno passe a dialogar com a sociedade e seus desafios, questionando o seu “papel” de sujeito nessa sociedade em que as relações amorosas e afetivas se apresentam com uma flexibilidade e mobilidade, presentes nos relacionamentos da contemporaneidade, e estes são evidenciados com frequência na música. A partir do momento em que o aluno se “concientiza” como agente da sociedade, e como ele

¹ “Diga que valeu”. Compositor Fresson. Chiclete com Banana.2003

pode perceber estas relações amorosas, fazendo com que a partir do presente possa questionar o passado, o mesmo elabora uma visão crítica da contemporaneidade.

Assim, a música do mundo pós-moderno pode ser incorporada nas aulas de História, pois boa parte destas são excelentes para trabalhar a realidade dos relacionamentos afetivos da contemporaneidade, desta forma a música passa de um simples instrumento de divertimento do espaço lúdico que seriam as festas ou do seu cotidiano, para adquirir outra definição, melhor explicitando é (re)significada e contextualizada dentro de sala de aula por aluno e professor.

A outra música utilizada para esse artigo evidencia também a instabilidade nos relacionamentos afetivos/amorosos de nossa sociedade atual. A mesma é bastante ouvida na região nordeste, que predomina o ritmo musical de forró. Nesse sentido, segue a segunda letra de música que analisaremos.

“Tá enganada você é página virada
 O seu amor pra mim foi nada
 Eu só brinquei com seu prazer
 Quem foi que disse
 Que ainda morro de amores por você
 Que saio a noite pelas ruas pra te ver
 São comentários que eu ouço por aí
 Pra ser sincero
 Você passou por mim, sequer deixou saudades
 Se alguém me para me fala que você é felicidade
 Se ainda escuto falar teu nome
 To nem aí

 Você foi apenas mais um cara que beijei
 Na cama só mais um que eu usei
 Então não bote banca amor, você também
 Você foi apenas mais um gosto que provei
 Pra me satisfazer depois deixei
 Se a gente tinha alguma chance nem sequer notei

 Tá enganada você é página virada

O seu amor pra mim foi nada
Eu só brinquei com seu prazer
Tá enganado você pra mim já é passado
Já é assunto encerrado
Eu só brinquei de amar você.’’²

Através da letra desta música “Página Virada” de Aviões do Forró percebemos mais uma vez que a temática relacionada às vivências afetivas nos relacionamentos amorosos na pós-modernidade demonstra que o amor já não é duradouro, e faz-nos questionar se realmente é amor, ou será apenas uma aventura amorosa passageira, que não deixa nem saudades, como diz na letra da música, apenas servindo para satisfazer o prazer e a felicidade do momento. Compreendemos com isso, a fluidez e angustia, que segundo os autores Zygmunt Bauman, Jurandir Freire, Gilles Lipovetsky está no mundo pós - moderno em constante transformação onde vive dentre alguns aspectos: o culto do individualismo, a era das sensações, a velocidade no referente ao desprendimento e facilidade de deixar de lado os costumes e os sentidos construídos e adquiridos historicamente.

Desta forma, o educador de História pode trabalhar nesta última letra de música com seus alunos entre tantos outros conceitos o de felicidade, a falta de compromisso com os sentimentos do outro, a utilização do corpo para satisfazer os desejos do momento, a falta de sensibilidade para perceber que o outro pode ser uma pessoa interessante, a banalização da sexualidade onde o parceiro foi apenas mais um na sua vida. Ou seja, o educador faz uso destas representações para mostrar que a nossa sociedade é composta de cenas e espetáculos de mobilidade e sensações que deixam o sujeito contemporâneo a desfazer os seus vínculos.

Sendo assim, a juventude parece viver frequentemente a era do vazio, do hipermoderno, do hipernarcisismo, como analisa Lipovetsky (2004), tratando como os sem herança e sem projeto de vida, onde se volta ao discurso do moderno e do tradicional, pois busca e deseja viver o novo, mas tem muito medo do novo que surge a todo instante, e assim o dilema vai transpassando os dias na vida dos jovens. Isso se torna visível através das identidades frágeis e passageiras elaboradas e reelaboradas cotidianamente. Com isso, podemos refletir acerca dessa identidade momentânea instalada na nossa sociedade, na qual tomam notoriedade as modificações sócio-culturais, a velocidade das coisas e das pessoas, onde tudo parece ser descartável, inclusive as pessoas que não tem mais tempo para viver

² “Página virada, da Banda Aviões do Forró. 2000

intensamente os momentos proporcionados à vida, conseguindo viver apenas o presente de forma efêmera e intensa.

Outro ponto que pode também ser discutido, baseado principalmente na última música utilizada neste texto, é no tocante a sexualidade entre a juventude torna-se “desregrada” em comparação ao passado. Nesse sentido, a iniciação sexual é considerada precoce por muitos pesquisadores e sociedade no geral, onde muitas jovens engravidam cedo não sendo muitas vezes assumidas pelos seus parceiros ficando sobre a responsabilidade dos pais das adolescentes. E até mesmo quando se casam muitos permanecem sobre o teto dos pais, vistos que estudam, não trabalham ou se trabalham ainda não é um emprego que lhes possa oferecer um salário para ter uma vida considerada satisfatória.

E também percebemos uma falta de compromisso de sentimento afetivo com a outra pessoa, pois hoje muitos(as) jovens utilizam sua sexualidade sem nenhum interesse de compromisso a longo prazo. E mais muitos destes jovens não ligam em se proteger, em fazer uso de medidas preventivas contra doenças sexualmente transmissíveis, podendo pegar uma doença como a AIDS que ainda não foi descoberta a cura (KNAUTH e GONÇALVES, 2006: 92-104). Não obstante, a sociedade presencia um paradoxo que é jamais uma geração foi tão bem informada sobre os métodos anticoncepcionais e a necessidade de proteção contra as doenças sexualmente transmissíveis, contudo parece que todas as informações propagadas caíram em ouvidos surdos, pois muitas pessoas continuam a agir como se nada de ruim pudesse acontecer.

Diante da argumentação exposta no decorrer do artigo, pode-se concluir que o profissional de educação em história tem a possibilidade de utilizar a música como recurso didático em sala de aula, trabalhando com as informações da mesma, e fazendo sempre a contextualização com os conteúdos programáticos e o contexto sócio-cultural no qual professor e aluno estão inseridos. Desta forma deixando a aula com uma perspectiva de que a mesma seja mais prazerosa, e ao mesmo tempo desenvolva em ambos o professor/aluno o olhar crítico a partir de outros recursos que não só do livro didático. Portanto, a música é uma fonte subjetiva que se caracteriza por sua diversidade, e essa é uma das alternativas de recurso para o historiador discutir questões que permeiam a sociedade pós-moderna caracterizada por uma fluidez e instabilidade como vimos nas análises das letras das músicas utilizadas, onde estas tratam dos relacionamentos amorosos e dos sujeitos contemporâneos. Assim percebemos que estes sujeitos pós-modernos estão desfazendo-se de seus costumes elaborados no decorrer da historiografia, como diz Bauman, Freire e Lipovetsky sendo atualmente influenciados por a sociedade do consumo, da flexibilidade, do prazer

momentâneo, da erotização, entre vários outros aspectos em questão, resolvendo com o emocional das pessoas diante deste vendaval de novidades e sensibilidade. Com isso, o profissional da educação e, mais especificamente do ensino de História deve atentar para os fatos e contextos musicais para trabalhar em sala de aula com essa nova linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: GAHAR ed. 2004.

COSTA, Jurandir FREYRE. Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico: Rio de Janeiro: ROCCO. 1998.

“Diga que Valeu”. Compositor, Fredson. Chiclete com Banana. 2003.

LIPOVESTSKY, Gilles. Os tempos Hipermodernos. SÃO PAULO. DARCAROLLA. 2004

NAPOLITANO, Marcos. História e Música, História Cultural da Música Popular. Belo Horizonte: Autentica 2002
“Página virada”, da Banda Aviões do Forró. 2000